



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI

LAÍS HELENA FRAZÃO

**O USO DO TERRITÓRIO E SEGREGAÇÃO ESPACIAL EM SÃO JOÃO DEL REI:
PESQUISANDO O MOVIMENTO HIP HOP**

São João del-Rei - MG
2019
LAÍS HELENA FRAZÃO

**O USO DO TERRITÓRIO E SEGREGAÇÃO ESPACIAL EM SÃO JOÃO DEL REI:
PESQUISANDO O MOVIMENTO HIP HOP**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a Universidade Federal de São João del-Rei,
como parte das exigências para a obtenção do
título de bacharel em Geografia.

São João del-Rei, 20 de novembro de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Márcio Roberto Toledo
Orientador

Prof. Dr. Ivan Ignácio Pimentel
Avaliador

“É necessário abrimo-nos a outras soluções, fundadas no tripé: Território, Cotidiano, Cultura. Gente junta, que cria trabalho. Gente reunida é produtora de economia, criando, conjuntamente, economia e cultura. E sendo produtora de cultura também é produtora de política.”

Milton Santos

AGRADECIMENTOS

Eis uma tarefa difícil de se realizar: agradecer a todos aqueles que me acompanharam, me deram tanto apoio nesse caminho tão longo que foi minha graduação. A minha gratidão maior eu devo a pessoa mais importante da minha vida e que não está mais entre nós. Pai, tudo isso foi por você! Saiba que eu dei o meu melhor para chegar até aqui, a caminhada foi árdua, mas conseguimos vencer e eu sei que você está em outro plano caminhado comigo. Mãe, obrigada por todo amor e confiança. Beto, obrigada por todo amor, força, compreensão e paciência.

Márcio, serei eternamente grata pela sua amizade, orientação e liberdade e autonomia com minha pesquisa. Encerro esse ciclo com a certeza de ter tido o melhor orientador. Obrigada pelo apoio e compreensão nos meus momentos difíceis, você é uma pessoa incrível! Wânia, você foi minha segunda mãe em São João, muito obrigada por tudo!

A todos companheiros (velhos e novos) da geografia, Bruna, Mari, Dalvana, Maria Júlia, Juliana, Kamilla - obrigada pela amizade e pelos momentos de alegria ao longo desses anos de convivência. Agradeço também às minhas velhas amigas, que me apoiaram ao longo dessa caminhada: Lurian, Mayra, Juliana, Mariana, Marden, Rodrigo e Brunelly, muito obrigada por tudo! Agradeço também aos meus familiares mais próximos que tanto me ajudaram e me incentivaram a continuar, Tia Sueli, Tio Estácio, Nanda, Lelei Aline, Neis obrigada por cuidarem tão bem do meu amor para que eu pudesse encerrar esse ciclo!

RESUMO

Este estudo parte da Geografia e propõe analisar práticas do Hip Hop na forma como elas provocam o uso do território urbano. Surgido na periferia dos grandes centros urbanos, trata-se uma cultura popular fundada no cotidiano desses espaços, que muitas vezes demandam denúncias e contestações, as quais fazem parte das produções do movimento, que contém caráter político, social e racial encontrados em seus elementos artísticos: o *break*, o grafite, o DJ e o MC. O trabalho de campo foi realizado na prática do Hip Hop na cidade de São João Del Rei (MG) com o objetivo de compreender o uso do território pelos jovens que compõem o movimento em seu cotidiano e ações. Pelos aspectos de segregação da cidade, como um território cada vez mais submetido a ações de interesse capitalista, buscou-se compreender de que forma os jovens reivindicam espaços historicamente negados à eles através de manifestações locais dos elementos artísticos.

Palavras chave: Hip Hop; segregação; território; espaço urbano; cotidiano

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Jovens moradores do Bronx em meio aos escombros na década de 1979	4
FIGURA 2: Primeiro grupo de break “Rock stuend crew”	5
FIGURA 3: Nelson Triunfo e os dançarinos no centro de São Paulo	9
FIGURA 4 : Marco zero Hip Hop São Paulo	10
FIGURA 5: Capa do primeiro álbum de rap brasileiro Cultura de rua	11
FIGURA 6: Percussores do movimento Hip Hop Em São João del-Rei	18
FIGURA 7: Grafite na Avenida Leite de Castro	21
FIGURA 8: Grafite na Avenida Leite de Castro	21

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1.1 Quando tudo começou: o início do Hip Hop nos Estados Unidos	3
1.2. Os elementos do Hip Hop	5
CAPÍTULO II: HIP HOP E ESPAÇO URBANO	13
2.1 O espaço como condição para o movimento hip hop	14
2.2 As dimensões de uma cidade de São João del-Rei	15
Capítulo III: AS DIMENSÕES DE UMA CIDADE E A CONTESTAÇÃO DE SEUS ESPAÇOS PELO HIP HOP	18
3.1 O histórico do Hip Hop em São João del-Rei	18
3.1 A organização do Hip Hop em São João del-Rei em 2017	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa sobre o uso do território e o processo de segregação na cidade de São João del-Rei (MG), fazendo uma análise a partir do *Hip Hop*. Desde seu surgimento nessa cidade, o movimento constituiu-se como um mecanismo de solidariedade entre os jovens que a ele aderiram ou que o formaram.

A pesquisa partiu de dados sobre o *Hip Hop* em espaços e momentos diversos. No primeiro capítulo, apresentamos um retrospecto desde a criação do movimento *Hip Hop* na década de 1970, nos Estados Unidos, até a sua chegada ao Brasil na década de 1990. Nos capítulos seguintes, apresentamos o movimento em São João del-Rei, sua composição na cidade e os jovens ativos na ocasião da coleta de dados para a pesquisa. Buscou-se relacionar esses dados no sentido de compreender e elaborar sobre a segregação do território e as estratégias utilizadas pelo movimento *Hip Hop* para essa questão.

O movimento *Hip Hop* é composto por quatro elementos artísticos: o *break*, o grafite, o DJ e o MC. Para Gomes (2008, p.2) “o *Hip Hop*, em seus quatro elementos técnicos, associa-se às ações possíveis e estas estão indissociadas do território. A prática do movimento passa ao domínio da Geografia em seu uso territorial, o que implica objetos e ações engendrando-se nos lugares”.

O processo de produção do espaço urbano é fruto da ação, de agentes sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos entre eles mesmos e os outros segmentos da sociedade (CORRÊA, 2002). Deste modo, consideramos que a produção do espaço se dá através de práticas espaciais de agentes sociais, que transformam a natureza do espaço. Concordamos com Carlos (2011, p.37), quando a autora afirma que, a sociedade se concebe na forma prática, quando envolve um conjunto de produções, criando objetos, bens e coisas, constituindo assim o mundo humano, e que nenhuma relação humana dá-se fora do espaço real e concreto.

O espaço urbano caracteriza-se, em qualquer tipo de sociedade, por sua fragmentação, isto é, ele é constituído por áreas distintas entre si no que diz respeito à gênese e à dinâmica, ao conteúdo econômico e social, à paisagem e ao arranjo espacial de suas formas (CORRÊA, 2004).

Desta forma, buscamos compreender a ligação dos participantes do *Hip Hop*, a relação com seu meio, como eles usam o movimento como resistência e emancipação de populações que habitam os bairros periféricos da cidade. Foi analisado também a relação do movimento e o uso dos espaços urbanos, as práticas territoriais por eles exercidas, bem como o processo de segregação espacial na cidade de São João del-Rei.

O objetivo desta pesquisa foi compreender as ações do movimento *Hip Hop* no espaço urbano da cidade de São João del-Rei. Para isso, foram utilizados processos diversos. Primeiramente foi feito um levantamento bibliográfico, e posteriormente, foi realizado trabalho de campo que consistiu em participação em eventos, observações e conversas com os participantes para posterior análise destes materiais. Também foram feitos estudos de letras de rap, tanto dos jovens da cidade quanto de outros grupos pertinentes ao estudo. Através da pesquisa de campo foi possível reunir um conjunto de informações que auxiliou na compreensão do movimento, o que exigiu uma capacidade integrativa e analítica.

O levantamento sobre o histórico do *Hip Hop* em São João del-Rei foi feito através da gravação de um vídeo documentário com os precursores do movimento na cidade.

Durante toda a pesquisa, a interação com jovens que participam do movimento foi fundamental para a compreensão das ações exercidas pelos grupos, o que proporcionou compreender as relações estabelecidas entre esses e as atitudes que eles assumem diante da realidade e os espaços por eles apropriados na cidade. Assim, “nas interações verbais e não verbais, e na compreensão do contexto das ações dos informantes, vai recolhendo os dados que o conduzem à progressiva elucidação do problema, à formulação e à confirmação de suas hipóteses” (CHIZZOTTI, 2001, p. 93 apud XAVIER, 2012 p.21). O uso das teses de mestrado de Denise Xavier Prates (*Ações do movimento Hip Hop no espaço urbano de Rio Claro - SP*, 2012) e de Carin Carrer Gomes (*O uso do território paulistano pelo Hip Hop*, 2008) como referencial bibliográfico, foram de extrema importância, pois ampliaram o arcabouço teórico da pesquisa.

CAPÍTULO I - O MOVIMENTO HIP HOP

1.1 Quando tudo começou: o início do Hip Hop nos Estados Unidos

O *Hip Hop* surgiu nos Estados Unidos em 1974 na cidade de Nova Iorque pós-industrial, que iniciava um processo de reestruturação econômica e social que atingia cada vez mais o cotidiano das pessoas, principalmente nas periferias superlotadas e sem infraestrutura (CAMARGOS, 2015).

Mais precisamente, o Hip Hop nasceu no Bronx, distrito pobre de Nova Iorque, que era habitado por imigrantes hispânicos e negros. Na década de 1970, o contexto da guerra fria mudou significativamente a estrutura de Nova Iorque. Malhas viárias foram criadas, para que, caso a cidade sofresse um ataque nuclear, a população pudesse escoar. As classes mais ricas foram morar próximas a essa malha viária e abandonaram grandes terrenos que foram ocupados pelas classes de baixa renda (MOASSAB, 2011).

Essas casas foram ocupadas por negros e hispânicos, que viviam à margem da sociedade e negligenciados pelo Estado. Esses locais eram marcados por rixas de gangues rivais e incêndios por toda parte. Esse período também tem como característica a luta dos negros pelos direitos civis e políticos no país, que eram maioria entre a população pobre.

É diante de um cenário de exclusão, violência e pobreza que os jovens nova-iorquinos negros transformaram o seu modo de ocupar a cidade. O movimento surgiu como uma resposta à violência urbana que as populações dos bairros periféricos foram submetidas.

O Bronx era habitado por pessoas de diferentes origens e culturas, mas que compartilhavam das mesmas condições socioeconômicas, que criaram o Hip Hop como uma resposta ao processo de urbanização excludente que esses foram submetidos (GOMES, 2012). Camargos (2015, p. 34) afirma que, “o *Hip Hop* iniciou-se primeiramente nos Estados Unidos, guardando relação direta com a presença de imigrantes negros e latinos nesse país, em meados da década de 1970”.



FIGURA 1: Jovens moradores do Bronx em meio aos escombros na década de 1979
Fonte: Bocada Forte, 2017

Esses jovens se reuniam em “*block parties*”, festas de rua que eram organizadas em quarteirões ou parques, em que os jovens se socializavam e se divertiam. Esses modos de encontro se transformaram em uma alternativa de lazer entre os eles e futuramente por jovens que viriam a formar o Hip Hop, como uma resposta ao processo de urbanização excludente (GOMES, 2012).

Nesta pesquisa, consideramos o *Hip Hop* um movimento político-cultural, pois a sua produção artística está pautada em um referencial que almeja mudança e reconstrução da autoestima dos jovens, o direito à cidade, denunciar as mazelas sociais que permeiam a sociedade e a luta por mudanças sociais. É também um movimento representativo dos espaços periféricos e sua maior característica é ser formado por jovens, em sua grande maioria negros, que moram na periferia, onde há ausência ou negligência do Estado.

Os lugares onde o *Hip Hop* se forma congregam a carência de condições materiais e imateriais, a violência e discriminação histórica na formação do território, abuso do Estado junto à polícia, desemprego, ou seja, bairros que sofreram processos antagônicos à modernização do território (GOMES, 2008).

Como a autora supracitada descreve, é a partir do cotidiano nesses territórios que o movimento cria suas características e as coloca em prática com as denúncias e contestações que são feitas através das letras de rap, e nas pinturas com o grafite, que contêm um caráter político, social e racial.

1.2. Os elementos do Hip Hop

Segundo Guerra (2014), *Afrika Bambaataa* é conhecido como “pai” do movimento, pois uniu todos os elementos e foi o propagador da cultura *Hip Hop*. Ele utilizou esse termo para nomear os encontros dos dançarinos de break, DJs (*disc-jóqueis*) e MCs (mestres-de-cerimônias) nas festas de rua no bairro do Bronx, em Nova Iorque (GUERRA, 2014, p.32). No entanto, o termo veio a público apenas no ano de 1979 (GOMES, 2008).

O primeiro elemento que surgiu da cultura Hip Hop foi o break, que começou a ser divulgado nas “*block parties*” em meados da década de 1970. Os grupos de break eram liderados por *Áfrika Bambaataa* e *Kool Herc*, que faziam sons nas festas e os jovens acompanhavam essas músicas e desenvolviam passos ritmados. Vale salientar aqui, que o break surgiu como uma alternativa à violência, às rixas de gangues dos moradores do Bronx, por alguma atividade que expressasse a mistura de cultura dos povos que habitavam o bairro (GOMES, 2012). Para Rose (1996) e Kuck (2003), o break reúne movimentos relacionados a dança de diversas culturas, como dança porto-riquenha e até a capoeira. O *b.boy* e a *b.girl* são os nomes pelos quais são designados os dançarinos de break.



FIGURA 2: Primeiro grupo de break “Rock stead crew”

Fonte: Nyc-Arts, 2013

O outro elemento que surgiu neste contexto das festas foi o DJ. O jamaicano conhecido como DJ *Kool Herc* criou um sistema de som com dois toca discos lado a lado, para que o DJ produzisse vários sons com uma base musical já existente, repetindo a “batida”

da música e dando novos usos às bases musicais. Camargos (2015) elucida que os *sound systems*, uma espécie de som móvel, promoviam a realização de encontros em espaços abertos, como ruas e praças e com música mecânica (reprodução de discos).

Num momento de crise social e política – e, concomitantemente, de avanço tecnológico-, jovens nova-iorquinos dos bairros mais pobres se apropriaram de objetos descartados como obsoletos no mundo do progresso e da mercadoria e criaram uma cultura nova. O rap, (que passaria a ser pensado como um elemento do Hip Hop e que congrega DJs e MC's), nasceria portanto, com os DJs que começaram a discotecar em festas públicas nova-iorquinas e que, ao desempenharem esse papel ante os toca-discos, emitiam ao mesmo tempo mensagens ao público ou abriam espaço para que os outros fizessem (CAMARGOS, 2015, p.36).

A partir dessas “colagens musicais”, Herc criou bases para um outro elemento da cultura Hip Hop, que viria a ser chamado de MC (*Master Control*/Mestre de Cerimônia), produzindo um som repetitivo e um canto falado ritmado, que deu origem ao elemento musical do *Hip Hop*, o rap. Durante as festas, Herc e Grandmaster Flahs aproveitavam os intervalos entre as músicas para falar sobre os contextos que esses jovens estavam inseridos.

O rap sempre foi um dos pilares mais fortes do movimento, tanto é que muitas pessoas associam erroneamente, o rap como sinônimo de Hip Hop. Foi a junção de dois elementos DJ e o MC que deu origem à arte mais conhecida dentro do hip-hop: o Rap. A junção de dois elementos, o DJ e o MC que deu origem à arte mais conhecida dentro do hip-hop: o Rap. A maneira como ele retrata as desigualdades vividas no espaço urbano, o cotidiano das periferias são relatados de forma dura nas letras. É importante salientar aqui, que consideramos nesta pesquisa, o rap uma manifestação política. O saber construído pelo Hip Hop e nutrido pelo cotidiano, é a ponte para a produção de uma política.

O rap, que é resultado da reunião de duas palavras: rhythm and poetry (ritmo e poesia). Trata-se de um “canto falado”, cuja base musical é tirada do manuseio de duas pick-ups, comandadas pelo DJ, que incrementa sua apresentação com a introdução de efeitos sonoros dominados, scracht, back to back, quick cutting e mixagens. A outra personagem na realização do rap é o MC, que é a pessoa que “fala” ou canta a poesia (CAMARGOS, 2015, p.33).

O quarto elemento da cultura, o grafite, é uma linguagem artística cultural adaptada ao movimento e tem sua incorporação ao *Hip Hop* concomitantemente com a do *break* e a do rap, nos anos 1970 em Nova Iorque. Os jovens artistas usavam de espaços urbanos, de maneira a criar uma linguagem intencional para interferir na cidade, geralmente em lugares

proibidos. Eles pintavam imagens do seu cotidiano pelos prédios, muros, estações de metrô e de trens da cidade (MOASSAB, 2011).

Alguns jovens remanescentes das extintas gangues, que marcaram o bairro do Bronx em Nova Iorque nos anos 1960, sentiram a necessidade de comunicar-se com a sociedade. Não conseguindo por meio da música ou da dança, buscaram outra forma, muito marcante. Trocaram a pichação por algo mais expressivo e protestaram o pensamento revolucionário nos metrô e trens, com bizarros bonequinhos desenhados acompanhados por frases e nomes. A partir deste momento, outras cidades norte-americanas começaram a praticar o grafite. Os turistas europeus que passavam pelos Estados Unidos interessavam-se pela arte, levando-a para a Europa. Lá, perdeu o caráter marginal e passou a ser exposto nas galerias de arte, firmando o grafite como uma arte pública. (MOTTA, Anita; BALBINO, Jéssica. 2006, p. 80)

Na presente pesquisa, o rap foi analisado enquanto integrante do movimento *Hip Hop*, em seu conjunto, sob a especificidade das letras de contestação, como produto e prática de tempo e contexto específico. A letra abaixo, “the message”, de Grandmaster Flash, foi a primeira letra de rap a denunciar as condições o cotidiano dos jovens que habitavam os espaços periféricos de Nova Iorque. Ela foi lançada em outubro de 1982.

The Message

It's like a jungle sometimes, it makes me wonder

How I keep from goin' under

Broken glass everywhere

People pissing on the stairs, you know they just don't care

I can't take the smell, I can't take the noise

Got no money to move out, I guess I got no choice

Rats in the front room, roaches in the back

Junkie's in the alley with a baseball bat

I tried to get away, but I couldn't get far

Cause the man with the tow-truck repossessed my car

Don't push me, cause I'm close to the edge

I'm trying not to lose my head

It's like a jungle sometimes, it makes me wonder
How I keep from going under
(The Message, Grandmaster Flash and The Furious Five, 1982)

A Mensagem

É como uma selva, por vezes, isso me faz pensar
Como é que consigo aturar
Vidro quebrado por toda parte
Gente mijando na escadaria, simplesmente não tão nem aí
Eu não aguento o cheiro, não suporto o barulho
Não tenho grana pra me mudar, acho que não tenho escolha
Ratos na sala da frente, baratas na de trás
Um drogado, em um beco com um taco de beisebol
Eu tentei fugir, mas não pude ir muito longe
Porque o cara do reboque, guinchou meu carro
Não me pressione, pois já tô no meu limite
Tô tentando não perder a cabeça
Isso é como uma selva, as vezes, isso me faz pensar
Como é que consigo aturar
(The Message, Grandmaster Flash and The Furious Five, 1982)

A letra acima descreve de maneira crua a realidade em que jovens que viviam no subúrbio da cidade de Nova Iorque, sem oportunidades, marginalizados e negligenciados. Para Rose (1997), desde o início, o Hip Hop deu voz às contradições existentes no espaço urbano em um período de transformação econômica nos Estados Unidos.

1.3 O Hip Hop no território brasileiro

Assim como nos Estados Unidos, o movimento Hip Hop chegou ao Brasil como uma manifestação típica de jovens, negros e marginalizados. As primeiras manifestações do movimento aconteceram em São Paulo na década de 1980, e assim como nos EUA, ele surge em um período de instabilidade financeira e política (GOMES, 2012). De acordo com SOUZA (1994) a partir da década de 1970, a população menos favorecida ficou cada vez mais distante dos grandes centros urbanos, devido a verticalização das cidades. Essa população precisava foi forçada a se deslocar para realizar os serviços no centro urbano.

Enquanto nos Estados Unidos os encontros aconteciam nos guetos, afastados dos centros urbanos, no Brasil era diferente, os membros saíam da periferia e se encontravam nos espaços públicos centrais de São Paulo.

O Hip Hop chegou em no Brasil pelos meios de comunicação de massa, principalmente através de videocliques e filmes como Wild Style, Style Wars, Beat Street (Na onda do break) e Breakin (Break Dance) (GOMES, 2012, p, 30).

Os primeiros encontros entre os jovens precursores do Hip Hop aconteceram na Galeria 24 de Maio, local já conhecido por comercializar objetos ligados a cultura negra (GOMES, 2008). O break foi o primeiro elemento do movimento a chegar no Brasil e o que teve maior destaque. Os dançarinos reuniam-se próximo à estação de metrô São Bento. Segundo Xavier (2012), a figura mais importante da época era Nelson Triunfo e seu grupo de dança “Funk & CIA”.



FIGURA 3: Nelson Triunfo e os dançarinos no centro de São Paulo

Fonte: Red Bull, 2019

Em 2014, o local foi reconhecido como o marco zero do Hip Hop e uma pedra de granito foi instaurada no local, com o nome dos precursores do movimento no Brasil.



FIGURA 4 : Marco zero Hip Hop São Paulo

Fonte: Vai ser rimando, 2014

Em 1988 foi lançado o primeiro disco da coletânea “Cultura de Rua”, a capa do disco tem como imagem a praça São Bento. São Bento foi o principal ponto de encontro dos jovens, e o piso foi ideal para os passos de break. Foi lá que surgiram os primeiros MC’s, vindos de diferentes bairros da cidade, como Zona Norte e Zona Sul e ali expressavam seu cotidiano.

Pode-se afirmar que São Paulo é o principal centro irradiador da cultura Hip Hop no Brasil, onde grupos como Racionais MC’s, Sistema Negro, DCM, Câmbio Negro, MRN, Pavilhão 9 são expressivos na indústria fonográfica (ROSE, 2017, p. 189).

Xavier (2012) afirma que devido à repressão policial que os jovens sofreram na época, esses passaram a se encontrar na praça Roosevelt, que também fica no centro de São Paulo. Os encontros nessa praça duraram aproximadamente até 1991. O break foi o elemento que mais ganhou destaque no Brasil.

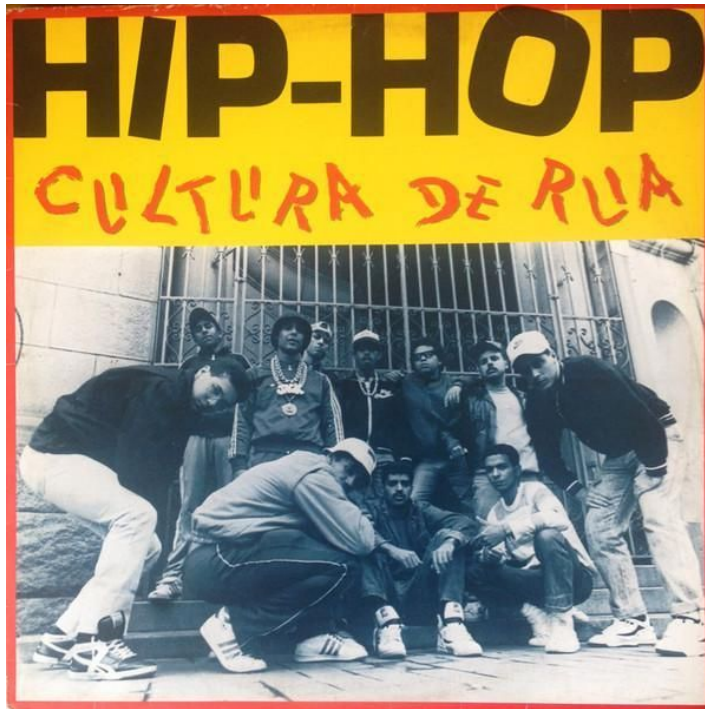


FIGURA 5: Capa do primeiro álbum de rap brasileiro Cultura de rua
Fonte: Discogs 2019

O rap chegou ao Brasil no final da década de 1980, principalmente através das rádios. O disco que marcou a história do rap brasileiro foi o disco chamado “Raio X do Brasil” lançado em 1993, do grupo Racionais MC’s. Uma das músicas que mais criticavam o contexto social da época foi a música “Fim de semana no parque”

“(…) Olha só aquele clube que da hora.

Olha aquela quadra, olha aquele campo Olha,

Olha quanta gente

Tem sorveteria cinema piscina quente

Olha quanto boy, olha quanta mina(…)

Tem corrida de kart dá pra ver

é igualzinho o que eu vi ontem na Tv,

Olha só aquele clube que da hora,

Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora

nem se lembra do dinheiro que tem que levar

Pro seu pai bem louco gritando dentro do bar
nem se lembra de ontem de onde o futuro
ele apenas sonha através do muro(..
Milhares de casas amontoadas
Ruas de terra esse é o morro (...)
A número um em baixa renda da cidade
Comunidade Zona Sul é dignidade
Tem um corpo no escadão a tiazinha desce o morro
Polícia a morte, polícia socorro
Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada frequentar nenhum incentivo
O investimento no lazer é muito escasso
O centro comunitário é um fracasso
Mas aí, se quiser se destruir está no lugar certo
Tem bebida e cocaína sempre por perto
A cada esquina, 100, 200 metros
Nem sempre é bom ser esperto (...)"

(Racionais MC's, Fim de semana no parque)

Na música acima, os jovens denunciam o contraste social existente na cidade e principalmente a realidade do negro nesses territórios. É possível notar aqui uma semelhança com a letra da música "The Messege" anteriormente citada. Através do rap, os jovens denunciaram a realidade da periferia, o racismo e a desigualdade existente no espaço urbano.

Concordamos com GOMES (2012) quando ele afirma que o Hip Hop fez que com parte da população que se configurava com receptora de informações, transformou-se em produtora de informação, quebrando o ciclo excludente.

Na década de 1990 foram criadas as "Posses", espaços de socialização organizadas pelos Hip Hoppers, que realizavam um tipo de amparo assistencial com jovens da periferia,

com atividades relacionadas a cultura e educação. Essas comunidades tinham um papel importante na dinâmica local, com trabalhos relacionados a música, pintura, dança, que abriu espaço para o rap, grafite e o break, além de aulas, oficinas e palestras (XAVIER, 2012). As posses eram assim, uma organização política e cultural, especialmente na cidade de São Paulo (MOASSAB, 2011). “A peculiaridade brasileira residiria no arco mais amplo de atividades, no seu caráter político e na sua preocupação com os aspectos de caráter organizativo” (YOSHINAGA, 2001, p.64 apud GOMES, 2008, p. 54).

Os jovens membros dessas comunidades tinham como objetivo fomentar a vertente cultural, social, política e educacional junto às comunidades mais carentes. Em São Paulo, as primeiras “Posses” criadas foram o Sindicato Negro com jovens da praça Roosevelt, Conceitos de Rua com jovens da zona sul, Força Ativa na zona norte e a Aliança Negra na cidade Tiradentes (XAVIER, 2012; MOASSAB, 2011). Essas se espalharam por todo território paulistano, favorecendo as ações do Hip Hop, que então foi incorporado a programas e ações educacionais que articulavam movimentos nas periferias.

Concomitante às Posses, dois álbuns precursores da cultura Hip Hop foram lançados, a coletânea “Consciência Black” e o álbum “Holocausto Urbano”, dos Racionais Mc’s, no qual o cotidiano da periferia como a violência e os abusos policiais eram narrados (MOASSAB, 2011). Na década de 2000, segundo a autora supracitada, as vozes que ganharam repercussão nacional eram: Z’África Brasil (São Paulo); Clã Nordestino (Maranhão); Simples Rap’ortagem (Bahia); e Núcleo (São Paulo) (MOASSAB, 2011).

Para alguns grupos de Hip Hop brasileiros, há o quinto elemento: o conhecimento. Para eles, os jovens que fazem parte do movimento têm consciência da importância da informação para transmitir o conhecimento do histórico dos negros.

CAPÍTULO II: HIP HOP E ESPAÇO URBANO

2.1 O espaço como condição para o movimento hip hop

As cidades brasileiras passaram por um acentuado processo de urbanização que, em função dos agentes do grande capital, privilegia pontos seletivos do território, intensificando as desigualdades territoriais (XAVIER, 2012). Para Carlos (2005), a produção do espaço baseia-se em um processo desigual, que necessariamente reflete a contradição do espaço.

Compreender o conceito de cotidiano é fundamental para analisar o uso do território pelo *Hip Hop*, pois é do cotidiano dos jovens que emergem a prática do movimento. Como afirma Carlos (2011), a produção espacial realiza-se no cotidiano das pessoas e aparece como forma de ocupação de determinado lugar num determinado momento. É na rotina cotidiana que as pessoas convertem o lugar em realidade social, concebem novas formas de estar no mundo e revelam seus valores, que fazem uso do espaço. É a partir do espaço que o homem ocupa na cidade.

O uso do espaço público está em uma das principais práticas territoriais estabelecidas pelo movimento Hip Hop e esse está cada vez mais escasso, proibitivo e seletivo aos segmentos menos poderosos. São nesses espaços que os jovens exercem a sua ação política, afirmam-se como cidadãos, principalmente nos mais próximos aos centros das cidades, onde há o contato com as diferenças, questionando seu uso, resgatando o espaço e mostrando a relevância deste para as ações do movimento. Desde a chegada do *Hip Hop* ao Brasil, esse vem dando novos usos aos espaços.

Para Serpa (2007), são nos bairros populares da cidade, muitas vezes às margens de qualquer subsídio ou lei de apoio à cultura, que manifestações populares alternativas vão surgindo e teimosamente persistindo.

A acessibilidade aos espaços públicos não é apenas física, mas também simbólica, pois está ligada à demarcação de territórios, que por vezes é negada e o espaço público deixa de ser compartilhado (XAVIER, 2012). O espaço público também é considerado como “espaço simbólico, de reprodução de diferentes ideias de cultura, da intersubjetividade que relaciona sujeitos e percepções na produção e reprodução dos espaços banais e cotidianos” (SERPA, 2007, p.09).

É preciso levar em conta que a história tem uma dimensão social que emerge no cotidiano das pessoas, no modo de vida, no relacionamento com o outro, entre estes e o lugar,

no uso. Desta forma, consideramos que o movimento exerce sua forma política, baseada no cotidiano vivido, no qual os conflitos e as contradições existentes na sociedade capitalista são expostos e tem como objetivo propor negociações através de atividades coletivas. Os jovens que compõem o movimento se apropriam do espaço urbano segundo uma racionalidade e temporalidade próprias, construindo e criando um território comum, um lugar de dimensão cotidiana (XAVIER, 2012).

O uso do espaço geográfico como condição para o movimento é uma fonte de poder, e ganha uma intencionalidade política quando os jovens se apropriam dele e descobrem formas singulares de luta como propósito de superá-las, fazendo-se através da negociação coletiva dos fins e de uso do espaço.

2.2 As dimensões de uma cidade de São João del-Rei

O processo de ocupação e expansão de São João del-Rei iniciou-se a partir da exploração do ouro, no século XVII. De acordo com Maldos (2000), as primeiras ocupações foram próximas às áreas auríferas, na Serra do Lenheiro, atualmente o bairro Senhor dos Montes e Alto das Mercês. A partir de então, criou-se um traçado urbano com a implantação de construções. Em 1713, o Arraial Nossa Senhora do Pilar foi elevado à vila, que em 1838 foi elevada à categoria de cidade.

Na segunda metade do século XIX, a cidade já contava com uma rede urbana, com hospitais, casa bancária, biblioteca e outros serviços, que era realidade em poucas cidades brasileiras, destacando-se como polo regional. De acordo com o IBGE Cidades (2017):

A Construção da estrada de ferro (1878-1881) e a chegada, em 1886, de imigrantes italianos, procedentes de Bolonha e Ferrara, aceleraram o progresso do Município. Esses imigrantes, destinados a agricultura, localizaram-se na Várzea do Marçal, onde formaram as colônias do Marçal, Recondego e Felizardo, e na Fazenda José Teodoro. Posteriormente, grande número de sírios fixou-se no Município, dedicando-se de preferência ao comércio (IBGE CIDADES, 2017).

No início do século XX, São João del-Rei apresentava uma forte industrialização ligada à produção têxtil, artefatos de couro e móveis que se estendeu até o final da década de 1950 (GAIO SOBRINHO, 1997).

Em 1960 o Brasil passava por uma recessão econômica, que afetou a industrialização sanjoanense, levando a um declínio de sua economia. Na década de 1970, segundo Cota & Diorio (2013), novas áreas urbanas periféricas formaram-se na cidade, procedentes tanto do processo de industrialização, e principalmente devido à intensa valorização dos terrenos de aluguéis nas áreas centrais da cidade. Carneiro (2009), afirma que, este processo de valorização contribuiu fortemente para o povoamento da periferia, que foi intensificado na década de 1980.

A partir dos anos 2000 a cidade passou por um crescimento acelerado e por uma forte especulação imobiliária, fato que contribuiu para o processo de segregação e fez com que a população mais pobre residisse em áreas mais distantes e com mais dificuldades de acesso ao centro econômico. Para Cota & Diorio (2013), a atuação Estado e mercado imobiliário não

vem contribuindo para minimizar o crescimento segregado e fragmentado da cidade, reforçando as desigualdades socioespaciais.

A herança histórica e cultural e a dinâmica de acumulação do capital também contribuíram para fazer do espaço urbano um espaço dividido entre o centro e a periferia.

Para Carlos (2013), a segregação vivida na proporção do cotidiano, onde ela torna-se concreta, se apresenta como diferença tanto nas formas de acesso à moradia (mercantilização do espaço urbano), quanto na limitação de acesso a bens urbanos, bem como na diminuição/deterioração dos espaços públicos. E essa distinção ganha realidade nas relações sociais, como cada cidadão se apropria do espaço.

Para Sposito (2013), o conceito de segregação só deve ser empregado quando as formas de diferenciação levam à separação espacial radical, implicando em um rompimento da parte segregada com o conjunto do espaço urbano, dificultando as articulações que movem a vida urbana. Desta forma, a segregação é sempre de origem espacial, mas que deve ser analisado em seu contexto social.

Baseado nos estudos de Roma (2008), consideramos nesta pesquisa que o conceito de segregação é um termo complexo, que em diferentes momentos vem recebendo várias adjetivações. A compreensão desse vai além dos estruturação residencial, que é um dos processos mais expressivos das cidades, ela possui também uma dimensão subjetiva que não deve ser analisada somente pelos diferentes usos do solo.

Para a supracitada autora, o trabalho evidencia a divisão social do espaço, pois tornou-se a base central da sociedade, e a relação entre desemprego-segregação dá-se porque a falta de emprego impede a população de segmentos mais baixos a ter acesso aos sistemas de crédito financeiro e imobiliário e, conseqüentemente, a locais da cidade

No *Hip Hop*, o relato de como é viver ou sobreviver em locais segregados, os conflitos e batalhas cotidianas são o tempo todo narrados nas letras de rap. É no meio a essa urbanização desigual que surge o *Hip Hop*, dando voz a população das periferias.

Capítulo III: AS DIMENSÕES DE UMA CIDADE E A CONTESTAÇÃO DE SEUS ESPAÇOS PELO HIP HOP

3.1 O histórico do Hip Hop em São João del-Rei

A reconstituição histórica do movimento *Hip Hop* em São João del-Rei foi realizada a partir de pesquisas de campo e entrevistas com os antigos integrantes do movimento a fim de coletar informações que possibilitem a configuração do movimento na cidade.

No início da década de 1980, o Hip Hop começou a se manifestar em São João del-Rei. Antes desse período, a presença da dança era marcante na cidade, com os bailes *blacks*, onde foram criados os primeiros passos de dança break. Os estilos musicais mais tocados nos bailes, na época, eram o “*Funk Melody*” e o “*Miami Beath*”. Nesta década, há relatos de concursos de dança de *break* na região do Campo das Vertentes. O primeiro grupo de dança de rua de São João del-Rei foi a “Turma do balanço” do bairro São Geraldo.

O Hip Hop chegou definitivamente em São João del-Rei na década de 1990, mesma época que chegou em São Paulo, através da indústria cultural, por meio de videocliques, filmes, revistas, LP's, com músicas dos Racionais, DJ Thaide e Pavilhão 9.



FIGURA 6: Percussores do movimento Hip Hop Em São João del-Rei
Fonte: Facebook, 2013

A década de 1990 foi um marco para o movimento na cidade, quando outro elemento do movimento se consolidou, o Rap. Os discos de rap que estouraram em São Paulo ganharam público em São João del-Rei com a coleção “Cultura de Rua” e o disco do Racionais Mc’s.

É importante salientar que os jovens dessa época passaram a se identificar com a cultura através das letras de rap, nas quais ouviam relatado um cotidiano parecido com o que eles viviam naquele momento. Eles mantinham-se informados com o que acontecia na cena *Hip Hop* em São Paulo, através do jornal “Notícias Populares”, que circulou na cidade até 2001, que tinha uma coluna com as novidades do *Hip Hop* publicada toda sexta-feira. Através desse jornal eles conheceram as chamadas “Posses” que existiam em São Paulo e eventos que reuniam todos os elementos da cultura. Nesta época já havia representantes de todos os elementos da cultura *Hip Hop* de São João del-Rei: o DJ, MC, grafite e o *break*.

A ideia de criar a “Posse” em São João del-Rei surgiu através de conversas informais entre amigos que já participavam dos grupos de rap na cidade, devido ao fato de se identificarem com o movimento. Em 1999 foi criada a “**Posse Del Rei De Hip Hop (PODRE H2)**”. A “Posse” foi consolidada com o apoio do “Sindicato dos Metalúrgicos” e com o movimento negro “Grupo Raízes da Terra”. A primeira aconteceu no dia da Consciência Negra, na Escola Estadual Maria Teresa. Os participantes da época contam que o movimento cresceu com a vontade dos militantes que enfrentaram muita dificuldade e preconceito por parte da população. Por falta de informação foram criadas concepções equivocadas da PODRE H2, associando o *Hip Hop* a marginalidade e a criminalidade. Sendo assim, sentiram a necessidade de pedir apoio a outras instituições.

As “Posses” aconteciam aos domingos e, além de desenvolverem atividades ligadas ao *Hip Hop*, os jovens realizavam palestras com temas abordados nas revistas de rap e informativos da época, além de distribuir fanzines que a cada semana abordavam temas diversificados como violência, racismo, doenças sexualmente transmissíveis, etc.

Tais eventos foram realizados em vários bairros da cidade. Um episódio que é considerado um marco na história do *Hip Hop* foi quando a **PODRE H2** completou um ano. Um grande evento foi realizado na cidade em que vários grupos de dança e de rap de diversas cidades de Minas Gerais se apresentaram.

Na década de 2000, o *Hip Hop* ganhou mais força com a realização de eventos e a criação de grupos de rap e dança na cidade. É de extrema importância destacar que a maioria

desses grupos eram provenientes de bairros situados na periferia da cidade, como Tejuco, São Dimas e Alto das Mercês. Nessa época existiam aproximadamente cinco grupos de rap e sete grupos de dança, dentre eles os que mais se destacavam eram: Os grupos de Rap eram Guettow X, Ideologia de Paz, Atitude Moral, Rajada Fatal e Elite Feminina, com forte presença de letras de contestação. Dentre os de break: “Arte das Ruas”, “Jovens na Ativa”, “Ritmo em Rua”, “Danç’Art” e “Evolução Jovem”.

Pode-se destacar que algumas das temáticas abordadas pelo movimento se relacionavam aos debates sociais pungentes na realidade sanjoanense desse período, abordando temas como a gravidez na adolescência, homicídios e violência na região. Diante desse cenário, o intuito do *Hip Hop* era realizar uma crítica social e ao mesmo tempo, um trabalho socioeducativo e de conscientização, buscando oferecer novas possibilidades para o (a) jovem pobre negro (a) da periferia, de forma que ele pudesse construir um futuro diferente, não mais marcado pela criminalidade e violência.

Assim, a partir da convivência grupal, da transmissão de conhecimentos acerca da realidade do negro e da história dessa população, o *Hip Hop* tinha como foco a transformação do contexto social vigente.

As ações grupais violentas não são as únicas respostas da juventude negra e periférica, vítimas da segregação urbana e social. Formas de lazer são criadas nesses locais, e podem proporcionar até formas de organizações políticas. Dentro dessa referência incluímos o *Hip Hop* e, que em São João del-Rei na década de 1990, como foi descrito, o movimento se organizava politicamente através das Posses, processo que se repetiu em várias cidades.

3.1 A organização do Hip Hop em São João del-Rei em 2017

Em São João del-Rei é possível observar, não apenas nos espaços periféricos, as expressões territoriais usadas pelo movimento e que em sua maioria, o cotidiano é o tema usado por jovens para denunciar as desigualdades vividas.



FIGURA 7: Grafite no bairro Senhor dos Montes
Créditos: Laís Frazão, 2017.

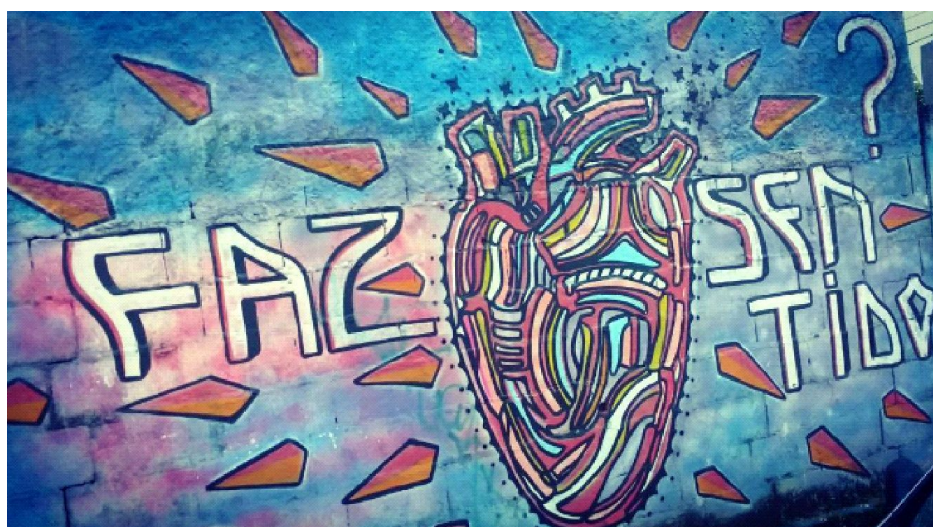


FIGURA 8: Grafite na Avenida Leite de Castro
Créditos: Laís Frazão, 2017.

Em 2017, o *Hip Hop* ainda estava presente em São João del-Rei, porém não tão articulado e organizado como nas décadas anteriores. Durante a realização desta pesquisa foi possível acompanhar os jovens que participam do movimento que, apesar da dificuldade e falta de articulação, realizam ações que podem ser consideradas como indicativo do movimento na cidade.

Até o ano de 2017, três grupos exerciam atividades ligadas ao *Hip Hop* na cidade, sendo eles: o Movimento Força Jovem, formado por jovens moradores do bairro Senhor dos Montes; o Rap na Bika, que acontecia quinzenalmente na praça da Biquinha no bairro Tejuco; e o Hip Hop na Praça que é realizado em diversos bairros de São João del-Rei. Os integrantes desses grupos apontaram que a falta de um espaço que possa reunir todos os elementos da cultura faz com que os grupos não tenham uma interação maior.

Contudo, consideramos que o movimento na cidade vem ganhando mais visibilidade. Um exemplo foram as exposições de documentários relacionados à cultura, a apresentação de jovens do movimento sanjoanense e as rodas de conversa que aconteceram durante o ano no Centro Cultural da Universidade Federal De São João del-Rei. O movimento parece apresentar saldos positivos, pois esses jovens ocuparam um lugar que, até então era negado a muitos deles, dando assim, voz aos que antes eram excluídos desses espaços.

As letras de rap de jovens membros do movimento atual, continuam com letras de protesto, na qual ainda expressam o cotidiano das periferias e a realidade do negro na cidade. Na música abaixo, a rapper Mari P. canta sobre o quanto é importante a resistência da periferia por meio do rap, e como os precursores do movimento hip hop influenciaram no rap de cidades do interior.

Viemos do morro, cada um com sua crença

A nossa é essa aqui: resistir!

É rua, é gueto

Falo o que vejo, os preto, bato no peito que é desse jeito

Me orgulho de ser preto

Pois nunca esqueço dos ensinamentos do rap que eu ouvia

E hoje em dia, com as mensagens loca neguim,

Racionais, Facção e Naldim
Inspiração para o preto aqui
Sou periférico mas não preciso andar armado
Pois os bang já levou as almas de vários soldados
Na nossa memória,
Mais uma vez com droga,
Mais uma vez detido,
Mais uma vez roubando
(...)Não troco tiro, troco informação
Ideia de mil grau, resistência!
(...) Contrariar o que o sistema de nós espera
Questionamento do lugar que nos colocam(...)
(RESISTÊNCIA, Mari P. e Jhes)

Na letra acima, a rapper fala sobre a importância do rap para o resgate da autoestima do jovem negro e da periferia, sobre como os precursores do rap no Brasil influenciaram a vida dos jovens sanjoanenses. Independente do lugar do mundo em que esteja acontecendo, toda e qualquer manifestação do hip-hop traz consigo características do espaço e do território em que está situada e do contexto em que está sendo aplicada e/ou praticada. É a força do lugar condicionando as ações sociais.

Associando as letras ao cotidiano dos jovens, consideramos que há que chamamos de “universalidade do rap” dos locais analisados. Neste sentido, SANTOS (2002) aponta “O rap, criado no meio urbano dos Estados Unidos como forma de expressão da juventude, se propaga no mundo inteiro localmente e assume uma fisionomia própria, sem perder o conteúdo universal (SANTOS, 2002, p. 113).

O contexto geográfico em que o rap surgiu nos três locais citados acima são semelhantes, mesmo que cada local tenha uma particularidade cultural, os grupos musicais de rap compartilham dos mesmos fundamentos que caracterizam o movimento Hip Hop. Isso

acontece porque o lugar que o rap surge em todas as partes do mundo são evidentes: as periferias.

Como aponta GOMES (2012, p. 46) “Independente do local em que os jovens que narram suas músicas, são moradores de periferias, vítimas de um processo de urbanização que segrega e exclui, negando o direito à cidadania.” As letras são nutridas pelo cotidiano dos jovens.

As letras de rap de jovens membros do movimento atual continuam em sua maioria com letras de protesto. Eles falam sobre a autoestima do negro, o racismo, sobre a opressão do sistema capitalista, a violência na periferia, as desigualdades sociais dentre outros. O texto abaixo foi escrito por uma das integrantes mais ativas do Hip Hop em São João del-Rei quando a cidade completou 304 anos.

Parabéns pra quem, São João del-Rei?/São João aniversariando e na perifa, mães à pouco velando /Na rua a gente segue andando pra esquecer a dor que tá atormentando/Parabéns pra quem? Parabéns pra quem?? Parabéns São João del-Rei!/ E a gente finge que tá tudo bem! Esquece dos roubos e se foca na riqueza dos adornos/ Na rua moço pedindo dinheiro pro almoço/ Desemprego chegando mais e mais em nosso meio, causando desespero/ E entrando pro tráfico é sempre o preto, pra conseguir um troco pro sustento/ Em São João se destaca a religiosidade, em várias igrejas preciosidades/ Muito ouro, mas nunca no entorno, nunca no morro/Arquitetura que representa a classe “cult”, em contraste com a classe que labuta que sofre com jornada dupla/ Cidade dos Sinos, Vários hinos, violinos, Igreja do São Francisco/ E se silencia os gritos, os gemidos o povo oprimido/ Conservadorismo, machismo, racismo, ataque ao Feminismo/Tenho visto mas persistimos mesmo com tudo isso/O trem vai e vem articula o hoje com o além. Nesse trilho estou também/Me lembro dos que ali foram escravizados, rezo e deixo meu amém/Escavidão ainda nas mentes, à milhão. Não ficou no passado, veja o sangue na mão!/Separação, segregação/ Ainda tem lugar de play boy e lugar do povão/Tudo bem, tudo bem!/A gente engole o choro e dá os parabéns. Não protesta, não contesta, é tudo festa/Mas no morro a gente ainda vê é tiro na testa. (Marina Paula, 2016)

Acima, a rapper sanjoanense expõe o contraste da cidade, fazendo uma crítica às desigualdades entre os espaços centrais e os espaços periféricos, que não são valorizados pelos fluxos de capital. Os espaços periféricos são na maioria o destino dos pobres, onde os recursos essenciais à vida social não estão presentes, devido à ausência do poder público.

Ao analisar o contexto urbano e social descrito acima, acreditamos que o rap se configura como uma possibilidade de resistência político-cultural, que tem servido para transformar a concepção de mundo da juventude negra e pobre.

Diferentemente da realidade em que vivem na periferia, em meio à violência e ao tráfico de drogas. Muitas vezes os jovens da periferia são caracterizados pela sociedade como desprovidos de capacidade crítica, social e política. Entretanto Magro (2002) aponta que o movimento que está progressivamente tomando força nas periferias e que é desenvolvido principalmente por jovens negros: movimento Hip Hop, que tem transformado para muitos jovens o lazer em forma de luta e resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia tem como principal objeto de estudo o espaço geográfico, sendo esse inerente às ações da sociedade. Desta forma, partimos do princípio de que a compreensão da produção do espaço urbano como condição, meio e produto da reprodução espacial, é resultado de um processo histórico, tanto em sua base material quanto social (CARLOS, 2013). O espaço nos possibilita as percepções do mundo por materializar as desigualdades, as contradições, a dinâmica e os diferentes usos do território no tempo.

O saber construído pelo movimento *Hip Hop* nutrido pelo cotidiano é a ponte para a produção de uma política. Nos espaços periféricos, a construção de saberes e da cultura foge dos padrões institucionais e se fundamenta nas experiências concretas das pessoas.

Para entender a cultura *Hip Hop*, foi necessário compreender o cotidiano dos jovens que o compõe, pois ele é o tema inspirador para o movimento. O contexto geográfico em que o rap surgiu nos três locais analisados no trabalho são semelhantes. Mesmo que cada local tenha suas peculiaridades culturais, os grupos compartilham dos mesmos fundamentos que caracterizam o movimento *Hip Hop*. Isso acontece porque o lugar que o movimento surge em todas as partes do mundo são evidentes: as periferias.

Como aponta GOMES (2012, p. 46) “Independente do local em que os jovens que narram suas músicas, são moradores de periferias, vítimas de um processo de urbanização que segrega e exclui, negando o direito à cidadania.” As letras são nutridas pelo cotidiano dos jovens. É a partir das letras de rap que eles expõem o lugar onde moram, as desigualdades e as contradições materializadas no espaço urbano, a experiência da escassez, e a negligência do poder público com a população periférica.

Consideramos que o *Hip Hop*, por meio de suas práticas, desloca seus sujeitos do lugar do oprimido e os dá voz ativa, frente às estruturas hegemônicas, ressignificando os territórios onde é produzido. Acreditamos também que ele está aos poucos promovendo e proporcionando mudanças significativas para os jovens que participam do movimento, no sentido de conscientização do processo histórico de exclusão da população pobre (em sua maioria negra), na luta pelo direito à cidade e à cidadania. Entende-se por direito à cidade o acesso a um espaço que ofereça oportunidades e condições igualitárias aos seus habitantes,

para que esses possam se apropriar da riqueza urbana, tanto economicamente quanto culturalmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALBINO, Jéssica; MOTTA, Anita. **Hip-Hop – A Cultura Marginal**. Edição Independente, 2006.

BOCADA FORTE. **Opinião: o lado certo da cultura do hip hop**. Disponível em: <<https://www.bocadaforte.com.br/destaque-bf/opinio-o-lado-certo-da-cultura-hip-hop-por-no-ise-d>> Acesso em: 11 de nov. 2019

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo - SP: Contexto, 2008. 104 p.

CARLOS, A. F. A. **A condição espacial**. São Paulo - SP: Contexto, 2011. 160 p.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo - SP: Labur Edições/GESP, 2007. 74p.

CARNEIRO, E. J. **Formações territoriais urbanas em São João del-Rei (MG)**. XXV Simpósio Nacional de História: História e Ética (ANPUH). Fortaleza, p.11, 2009.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 4º ed. São Paulo: Ática, 1999.

COTA, D.A.; DIORIO, A.C. D. **Dispersão e fragmentação socioespacial em São João Del Rei, MG**. In: XV ENANPUR - Desenvolvimento, Planejamento e Governança, 2013, Recife. Anais do XV Enanpur - Desenvolvimento, Planejamento e Governança. Recife: Anpur. v. 1. p. 1-18

DISCOGS. **Various – Hip-Hop Cultura De Rua**. Disponível em: <<https://www.discogs.com/Various-Hip-Hop-Cultura-De-Rua/release/183953>> Acesso em: 11 de nov. 2019

GAIO SOBRINHO, Antônio. **História do Comércio de São João del-Rei**. São João del-Rei: Sindicato do Comércio, 1997.

GOMES, Carin Carrer. **O uso do território paulistano pelo Hip Hop**. 2008. 143 f. Dissertação (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia) Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2008.

GUERRA, C. **HIP HOP como identidade cultural negra e periférica. A aversão dos rappers brasileiros à rede globo**. 2014. 188 f. Dissertação. Universidade de Coimbra. Coimbra 2014

HERSCHMANW, M. **“O Funk e o Hip Hop invadem a cena”**. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ. 2000. p 302

IBGE CIDADES@. **Infográficos: Dados Gerais do Município de São João del-Rei (Minas Gerais)**. 2015. Disponível em: <http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/historico.php?lang=_PT&codmun=316250&search=minas-gerais> . Acesso em: 11 de fevereiro de 2017.

MAGRO, V. M. de M. **Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o Hip Hop**. Caderno Cedes, Campinas, vol 22, número 57, agosto de 2002.

MALDOS, R. A. **A formação Urbana da Cidade de São João del Rei** – (arquivo digital).São João del-Rei , MG, 2000. Disponível em:<<https://saojoaodelreitransparente.com.br/works/view/605>> . Acesso em: 10 de fevereiro de 2017.

MOASSAB, A. **Brasil Periferia(s): A Comunicação Insurgente do Hip-Hop**. São Paulo: EDUC 2011. 338 p.

NYC-ARTS. **SummerStage: Rock Steady Crew – Premiere of “RSC Ghetto Made”** Disponível em: <<https://www.nyc-arts.org/events/66785/summerstage-rock-steady-crew-premiere-of-rsc-ghetto-made>> Acesso em: 11 de nov. 2019

OLIVEIRA, R.. **Rap e política: percepções da vida social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2015. 191 p.

ROMA, C. M. **Segregação socioespacial em cidades pequenas**. 2008. 137 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/96712>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2017.

ROSE, Tricia. “Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade no Hip Hop”. (1994). In: HERSCHMANN, Micael. Abalando os anos 90. Rio de Janeiro, Rocco. 1997.

SANTOS, M. **“Pensando o Espaço do Homem”**. Hucitec, 1978.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002.

SANTOS, M. **Por uma outra Globalização**. São Paulo: Record, 2000.

SERPA, A. S. P. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2011. 205 p.

SESC SÃO PAULO. **Hip Hop na área**. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/online/artigo/11471_HIP+HOP+NA+AREA> Acesso em: 11 de nov. 2019

SOBARZO, O. **A produção do espaço público: da dominação à apropriação**. GEOUSP: espaço e tempo, São Paulo, v. 19, p. 93-111, 2006.

SOUZA, Maria Adélia de. “A Identidade da Metrópole.” Edusp/Hucitec, 1994

SPOSITO, B. M. E. Segregação Socioespacial e Centralidade Urbana. VASCONCELOS, P. de. A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, M. S. **A cidade Contemporânea Segregação Espacial**. São Paulo: Contexto, 2013.

VAI SER RIMANDO. **Conheça o Marco Zero do Hip Hop, inaugurado em São Paulo**. Disponível em: <<https://vaiserrimando.com.br/2014/10/20/marco-zero-do-hip-hop-inaugurado-em-sao-paulo/>> Acesso em: 11 de nov. 2019

XAVIER, D. P. **As ações do Movimento Hip Hop no espaço urbano de Rio Claro – SP**,
Universidade Estadual Paulista (UNESP), São Paulo, 2012.

ANEXOS

The Message

It's like a jungle sometimes, it makes me wonder

How I keep from goin' under

It's like a jungle sometimes, it makes me wonder

How I keep from goin' under

Broken glass everywhere

People pissing on the stairs, you know they just don't care

I can't take the smell, I can't take the noise

Got no money to move out, I guess I got no choice

Rats in the front room, roaches in the back

Junkie's in the alley with a baseball bat

I tried to get away, but I couldn't get far

Cause the man with the tow-truck repossessed my car

Don't push me, cause I'm close to the edge

I'm trying not to lose my head
It's like a jungle sometimes, it makes me wonder
How I keep from going under
Standing on the front stoop, hangin' out the window
Watching all the cars go by, roaring as the breezes blow
Crazy lady, livin' in a bag
Eating out of garbage piles, used to be a fag-hag
Search and test a tango, skips the life and then go
To search a prince to see the last of senses
Down at the peepshow, watching all the creeps
So she can tell the stories to the girls back home
She went to the city and got so so so ditty
She had to get a pimp, she couldn't make it on her own

Chorus:

It's like a jungle sometimes, it makes me wonder
How I keep from goin' under
My brother's doing fast on my mother's T.V.
Says she watches to much, is just not healthy
All my children in the daytime, Dallas at night
Can't even see the game or the Sugar Ray fight
Bill collectors they ring my phone
And scare my wife when I'm not home
Got a bum education, double-digit inflation

Can't take the train to the job, there's a strike at the station
Me on King Kong standin' on my back
Can't stop to turn around, broke my sacroiliac
Midrange, migrained, cancered membrane
Sometimes I think I'm going insane, I swear I might hijack a plane!
My son said daddy I don't wanna go to school
Cause the teacher's a jerk, he must think I'm a fool
And all the kids smoke reefer, I think it'd be cheaper
If I just got a job, learned to be a street sweeper
I dance to the beat, shuffle my feet
Wear a shirt and tie and run with the creeps
Cause it's all about money, ain't a damn thing funny
You got to have a con in this land of milk and honey
They push that girl in front of a train
Took her to a doctor, sowed the arm on again
Stabbed that man, right in his heart
Gave him a transplant before a brand new start
I can't walk through the park, cause it's crazy after the dark
Keep my hand on the gun, cause they got me on the run
I feel like an outlaw, broke my last fast jaw
Hear them say you want some more, livin' on a seasaw
A child was born, with no state of mind
Blind to the ways of mankind

Got a smile on you with these burning tooth
Cause only god knows what you go through
You grow in the ghetto, living second rate
And your eyes will sing a song of deep hate
The places you play and where you stay
Looks like one great big alley way
You'll admire all the numberbook takers
Dogpitchers, pushers and the big money makers
Driving big cars, spending twenties and tens
And you wanna grow up to be just like them
Smuygglers, scrambles, burglars, gamblers
Pickpockets, peddlers and even pan-handlers
You say I'm cool, I'm no fool
But then you wind up dropping out of highschool
Now you're unemployed, all null 'n' void
Walking around like you're pretty boy Floyd
Turned stickup kid, look what you done did
Got send up for a eight year bid
Now your man is took and you're a Maytag
Spend the next two years as an undercover fag
Being used and abused, and served like hell
Till one day you was find hung dead in a cell
It was plain to see that your life was lost

You was cold and your body swung back and forth

But now your eyes sing the sad sad song

Of how you lived so fast and died so young

A Mensagem

É como uma selva, por vezes, isso me faz pensar

Como é que consigo aturar

É como uma selva, por vezes, isso me faz pensar

Como é que consigo aturar

Vidro quebrado por toda parte

Gente mijando na escadaria, simplesmente não tão nem aí

Eu não aguento o cheiro, não suporto o barulho

Não tenho grana pra me mudar, acho que não tenho escolha

Ratos na sala da frente, baratas na de trás

Um drogado, em um beco com um taco de beisebol

Eu tentei fugir, mas não pude ir muito longe

Porque o cara do reboque, guinchou meu carro

Não me pressione, pois já tô no meu limite

Procura dançar um tango, ignora a vida

Procura um príncipe que perdeu os sentidos

Na casa de strip, olhando os velhacos

Ela conta suas histórias pras meninas na volta pra casa

Ela foi pra cidade e ficou no seguro social

Ela teve que pagar pro cafetão, não podia se vender por conta própria

Tô tentando não perder a cabeça

Isso é como uma selva, as vezes, isso me faz pensar

Como é que consigo aturar

Na varanda da frente, debruçado na janela

Tô olhando os carros que passam, ressoando com a brisa

Uma senhora doida, morando dentro de um saco de dormir

Comendo pilhas de lixo, costumava ser uma prostituta

Refrão:

Isso é como uma selva, as vezes, isso me faz pensar

Como é que consigo aturar

Meu irmão reclama da TV da minha mãe

Diz que ela assiste demais, isso não é muito saudável

"All my Children" de dia, "Dallas" à noite

Não posso nem ver o jogo ou a luta do Sugar Ray

Legiões de cobradores estão me ligando

E assustam minha mulher quando eu não tô em casa

Tenho uma porcaria de educação, a inflação de dois dígitos

Não posso pegar o metrô pro trabalho, há uma greve na estação

Tenho um peso enorme nas minhas costas

Não posso virar, quebrei meu osso sacro

Enxaqueca, intermitente, membrana cancerígena

Às vezes acho que tô ficando louco, eu juro, eu podia sequestrar um avião!

Meu filho disse: pai eu não quero ir pra escola

Porque o professor é um idiota, ele deve achar que eu sou um otário

E todas as crianças fumam maconha, eu acho que seria mais barato

Se eu arrumasse um trabalho, aprendesse a ser um gari

Eu danço no ritmo, mexo os meus pés

Visto uma camisa e gravata e ando com os malandros

Porque é tudo sobre dinheiro, e essa droga não é uma coisa engraçada

Você tem que se virar nesta terra de leite e mel

Eles empurram a garota na frente de um trem

Levaram ela ao médico, costuraram seu braço novamente

Esfaquearam o homem, em seu coração

Fizeram um transplante antes de um novo começo

Eu não posso andar pelo parque, porque é perigoso à noite

Mantenho a mão sobre a arma, porque eles me perseguem

Eu me sinto como um bandido, desferi meu último golpe

Eu os ouvi dizer: você quer um pouco mais, vivendo nesse vai e volta

Uma criança nasceu, sem nenhum estado de espírito

Cega aos caminhos da humanidade

Deus sorri pra você, mas Ele tá triste também

Porque só Deus sabe pelo que você passa

Você cresce no gueto, vivendo de segunda classe

E seus olhos cantam uma canção de ódio profundo

Os lugares que você joga e onde fica
Parecem um beco bem grande
Você vai admirar todos os malandros da jogatina ilegal
Bandidos, cafetões, drogados e endinheirados
Dirigindo carrões, gastando vinte e dezenas
E você quer crescer pra ser como eles
Contrabandistas, trapaceiros, ladrões, apostadores
Vendedores, ambulantes e até mesmo pedintes
Você diz "eu sou legal", "eu não sou idiota"
Mas aí você acaba caindo fora do colégio
Agora você tá desempregado, é um zero a esquerda
Anda por aí se achando
Virou um moleque que assalta à mão armada, olhe o que você fez
Pegou oito anos de cadeia
Agora sua masculinidade foi tirada e você é uma boneca
Vai passar os próximos dois anos como uma bicha enrustida
Sendo usada e abusada, vivendo um inferno
Até que um dia você é encontrado, enforcado em uma cela
Era fácil de ver que sua vida foi perdida
Você tava frio e seu corpo balançava pra trás e pra frente
Mas agora seus olhos cantam uma canção triste
De como você viveu tão rápido e morreu tão jovem

FIM DE SEMANA NO PARQUE

1993, fundidamente voltando, Racionais

Usando e abusando da nossa liberdade de expressão

Um dos poucos direitos que o jovem negro ainda tem nesse país

Você está entrando no mundo da informação, auto-conhecimento, denúncia e diversão

Esse é o Raio X do Brasil, seja bem vindo

À toda comunidade pobre da zona sul

Chegou fim de semana todos querem diversão

Só alegria nós estamos no verão, mês de janeiro

São paulo, zona sul

Todo mundo à vontade, calor céu azul

Eu quero aproveitar o sol

Encontrar os camaradas prum basquetebol

Não pega nada

Estou à 1 hora da minha quebrada

Logo mais, quero ver todos em paz

Um, dois, três carros na calçada

Feliz e agitada toda prayboyzada

As garagens abertas eles lavam os carros

Disperdiçam a água, eles fazem a festa

Vários estilos vagabundas, motocicletas

Coroa rico boca aberta, isca predileta

De verde fluorescente queimada sorridente

A mesma vaca louca circulando como sempre

Roda a banca dos playboys do Guarujá

Muitos manos se esquecem na minha não cresce

Sou assim e tô legal, até me leve a mal

Malicioso e realista sou eu Mano Brown

Me dê 4 bons motivos pra não ser

Olha o meu povo nas favelas e vai perceber

Daqui eu vejo uma caranga do ano

Toda equipada e um tiozinho guiando

Com seus filhos ao lado estão indo ao parque

Eufóricos brinquedos eletrônicos

Automaticamente eu imagino

A molecada lá da área como é que tá

Provavelmente correndo pra lá e pra cá

Jogando bola descalços nas ruas de terra

É, brincam do jeito que dá

Gritando palavrão é o jeito deles

Eles não têm videogame e às vezes nem televisão
Mas todos eles têm um dom São Cosme e São Damião

A única proteção

No último natal papai Noel escondeu um brinquedo

Prateado, brilhava no meio do mato

Um menininho de 10 anos achou o presente

Era de ferro com 12 balas no pente

O fim de ano foi melhor pra muita gente

Eles também gostariam de ter bicicletas

De ver seu pai fazendo cooper tipo atleta

Gostam de ir ao parque e se divertir

E que alguém os ensinasse a dirigir

Mas eles só querem paz e mesmo assim é um sonho

Fim de semana no Parque Santo Antônio

Vamos passear no parque

Deixa o menino brincar

Fim de semana no parque

Vamos passear no parque

Vou rezar pra esse domingo não chover

Olha só aquele clube que dahora
Olha aquela quadra, olha aquele campo, olha

Olha quanta gente
Tem sorveteria, cinema, piscina quente
Olha quanto boy, olha quanta mina
Afoga essa vaca dentro da piscina
Tem corrida de kart dá pra ver
É igualzinho o que eu vi ontem na TV

Olha só aquele clube que dá hora
Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora
Nem se lembra do dinheiro que tem que levar
Do seu pai bem louco gritando dentro do bar
Nem se lembra de ontem, de hoje e o futuro
Ele apenas sonha através do muro

Milhares de casas amontoadas
Ruas de terra esse é o morro, a minha área me espera
Gritaria na feira (vamos chegando!)
Pode crer eu gosto disso mais calor humano

Na periferia a alegria é igual

É quase meio dia a euforia é geral
É lá que moram meus irmãos, meus amigos
E a maioria por aqui se parece comigo
E eu também sou o bam, bam, bam e o que manda
O pessoal desde às 10 da manhã está no samba
Preste atenção no repique e atenção no acorde
(Como é que é Mano Brown?)
Pode crer pela ordem

A número, número 1 em baixa renda da cidade
Comunidade zona sul é, dignidade
Tem um corpo no escadão, a tiazinha desce o morro
Polícia a morte, polícia socorro

Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada frequentar, nenhum incentivo
O investimento no lazer é muito escasso
O centro comunitário é um fracasso

Mas aí, se quiser se destruir está no lugar certo
Tem bebida e cocaína sempre por perto
A cada esquina 100, 200 metros
Nem sempre é bom ser esperto

Schmith, Taurus, Rossi, Dreher ou Campari

Pronúncia agradável, estrago inevitável

Nomes estrangeiros que estão no nosso meio pra matar m.e.r.d.a

Como se fosse ontem ainda me lembro

7 horas sábado 4 de dezembro

Uma bala uma moto com 2 imbecis

Mataram nosso mano que fazia o morro mais feliz

E indiretamente ainda faz, mano Rogério esteja em paz

Vigiando lá de cima

A molecada do Parque Regina

Vamos passear no parque

Deixa o menino brincar

Fim de semana no parque

Vamos passear no parque

Vou rezar pra esse domingo não chover

Tô cansado dessa porra de toda essa bobagem

Alcoolismo, vingança, treta, malandragem

Mãe angustiada, filho problemático

Famílias destruídas, fins de semana trágicos

O sistema quer isso, a molecada tem que aprender

Fim de semana no Parque Ipê

Vamos passear no parque

Deixa o menino brincar

Fim de semana no parque

Vamos passear no parque

Vou rezar pra esse domingo não chover

Pode crer Racionais MC's e Negritude Júnior juntos

Vamos investir em nós mesmos, mantendo distância das

Drogas e do álcool

Aí rapaziada do Parque Ipê, Jardim São Luiz, Jardim Ingá, Parque Arariba, Vaz de Lima

Morro do Piolho, Vale das Virtudes e Pirajussara

É isso aí Mano Brown (é isso aí Netinho, paz à todos)